

Bornhausen reduz influência de Antônio Carlos

Luludi/AE—11/2/92

Epitácio Pessoa/AE—19/9/91



Toque de solista

Bornhausen: autonomia para tomar decisões que não agradaram ao governador da Bahia

Ministro conduz a escolha de nomes para o segundo escalão à revelia do governador

GUILHERME EVELIN e RAYMUNDO COSTA

BRASÍLIA — Cautelosamente e sem declarar hostilidades, como convém quando se trata do todo-poderoso governador da Bahia, o ministro-chefe da Secretaria de Governo, Jorge Bornhausen, vem representando hoje um obstáculo à desenvoltura com que Antônio Carlos Magalhães (PFL) tenta influir nas decisões do governo. Pelo menos duas escolhas para o segundo escalão, feitas sob a supervisão do coordenador político do presidente Fernando Collor, não agradaram ao governador baiano, que cogitava outros nomes para os cargos.

A primeira foi a indicação do ex-deputado Nelson Marchezan para a Secretaria Nacional de Comunicações, do Ministério dos Transportes e das Comunicações, feita sem consultas prévias a Antônio Carlos, apesar de o cargo ter sido, por quase dez anos, cativo de seu grupo político. A segunda foi a manutenção no cargo do presidente da Empresa Brasileira de Turismo (Embratur), Ronaldo Monte Rosa, pedida por Bornhausen ao ministro-chefe da Secretaria de Desenvolvimento Regional, Ângelo Calmon de Sá. Com ampla autonomia de voto, o ministro nem sequer se preocupou em ouvir Collor, amigo íntimo do presidente da Embratur, antes de pedir a Calmon de Sá que mantivesse Monte Rosa à frente da empresa.

Troca de amabilidades — Surpreendido com as duas decisões, Antônio Carlos não acusou publicamente o golpe, como recomendam os bons ma-



nuais de política. Na noite de quarta-feira, acompanhado do filho, o deputado Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), apareceu de surpresa em um jantar da cúpula do PFL com a bancada do partido no Senado, na casa de Bornhausen. Aproveitou para trocar amabilidades com o ministro e o líder no Senado, Marco Maciel (PFL-PE). "Vim aqui para desfazer as intrigas e dar uma demonstração de que prezo os queridos chefes de meu partido", disse o governador, colocando a mão direita sobre o ombro de Bornhausen e, com a esquerda, apalpando a perna de Maciel.

Divergências — Não é a primeira vez que há descompasso no PFL entre a corrente liderada por Antônio Carlos e a chamada facção doutrinária, composta por Bornhausen e Maciel. No final de 1990, o governador da Bahia já se irritara com Maciel por ele ter ajudado a aprovar no Senado uma proposta de emissão de Letras do Tesouro da Bahia feita pelo ex-governador Nilo Coelho, seu rival político. Tanto um lado como outro tratam agora, porém, de reprimir as divergências. Um bom teste para verificar se as coisas realmente estão sob controle deverá ocorrer em breve.

Antônio Carlos está interessado na manutenção do secretário-nacional-adjunto de Comunicações, Joaquim Alves da Cruz Rios, seu apadrinhado político. O secretário Marchezan não faz restrições a Rios, mas sente-se incomodado com a sombra do governador. Não quer parecer um derrotado, caso o mantenha no posto, nem deseja ser visto como quem infligiu uma derrota a Antônio Carlos, caso o escolhido seja outro. A decisão final sobre o ocupante do cargo pode parar nas mãos de Collor ou de Bornhausen.



Regente com Ph.D.

Antônio Carlos, para Bornhausen e Maciel: "Prezo os queridos chefes de meu partido"